ASPECTOS DEFINICIONAIS EM BLUTEAU, MORAES E AURÉLIO E EM NARRATIVAS ORAIS CATALANAS: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

DEFINING ASPECTS IN BLUTEAU, MORAES AND AURÉLIO AND IN CATALANAS ORAL NARRATIVES: CONVERGENCES AND DIVERGENCES

Vanessa Regina Duarte XAVIER[*]

Resumo: Este estudo examina os itens lexicais mais representativos da fauna e da flora goianas, inventariados em narrativas orais catalanas, disponíveis em Paula (2007). Para tanto, procedemos ao cotejo da tipologia da definição dos itens e da sua composição nos dicionários de Bluteau (1712-1728), Moraes (1813) e Aurélio (2004), no intuito de apontar as convergências e divergências entre as definições lexicográficas dos lexemas e as descrições feitas nas narrativas referidas.

Palavras-chave: Léxico; Cultura; Lexicografia; Definição; Narrativas Orais.

Abstract: This study examines the most representative lexical items of Goiás fauna and flora, surveyed on catalanas oral narratives, which are available in Paula (2007). For that, we proceeded to the comparison of the type of definition of items and of their composition in dictionaries by Bluteau (1712-1728), Moraes (1813), and Aurélio (2004), in order to highlighting the convergences and divergences between the lexicographic definitions of the lexemes and the descriptions done in the cited narratives.

Keywords: Lexicon; Culture; Lexicography; Definition; Oral Narratives

> "Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, [...] o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo" (ISQUERDO, 1998, p. 91).

[*] Mestranda em Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo-USP, sob a orientação do Prof. Dr. Heitor Megale e bolsista FAPESP. Contatos: vanregina1986@hotmail.com.

Considerações Iniciais

Os signos sustentam os sistemas de valores sociais e culturais e, em virtude disso, sua função é expressar as necessidades sociais dos grupos, mediante a interação humana (BARBOSA, 1998). Esta assertiva corrobora a faceta eminentemente ideológica do signo e é nesse sentido que a análise do léxico de uma língua mostra-se relevante, já que este é o nível da língua em que os aspectos sócio-culturais melhor se revelam.

Destarte, descrições de elementos da fauna e da flora compõem as narrativas orais catalanas de indivíduos sexagenários e nonagenários, coletadas e transcritas por Paula (2007), contendo indícios lexicais do uso de um português arcaico e marcas de uma vivência rural, evidenciando um conhecimento baseado na observação empírica da natureza. Tais narrativas constituem o *corpus* deste estudo por registrarem o léxico de vertente regional em uso no vernáculo rural e pela riqueza das descrições, ainda que sem o rigor e a sistematicidade científicos.

Inicialmente, procedemos ao levantamento dos itens lexicais mais representativos da fauna e da flora goianas, dentre os descritos pelos narradores, revelando aspectos importantes da cultura e da sociedade goianas, em estreita relação com o léxico usado nesta comunidade.

Em seguida, analisamos comparativamente a tipologia das definições dos verbetes selecionados nos dicionários de Bluteau (1712-1728), Moraes (1813)[1] e Aurélio (2004), correlacionando-as ao método usado nas descrições dos entrevistados. Coube, portanto, investigar como se estruturam as definições dos lexemas e os elementos que elas contêm, além de observar se elas obedecem ou não aos princípios da definição, sobretudo à transparência, à autossuficiência e à análise (DAPENA, 2002).

Cumpre assinalar que as obras lexicográficas supracitadas são matizadas pelas ideias em voga em suas respectivas épocas. Na perspectiva de Lehman (2001), os valores da sociedade e do lexicógrafo se subscrevem nos dicionários, que são, por essa razão, ideológicos. A ideologia, portanto, revela-se, sobretudo, nas acepções e, em menor grau, nos exemplos e na seleção da nomenclatura.

Em decorrência disso, uma análise linguística pelo viés lexical e/ou lexicográfico não pode deixar de levar em conta as perspectivas

[1] Também conhecido como Moraes, o lexicógrafo está referenciado nesse estudo pelo último nome, Silva (1813).

cultural e ideológica que subjazem à materialidade linguística, visto que, como afirma Oliveira (1998, p. 110), toda a "dinamicidade da língua é evidenciada, sobremaneira, no léxico, nível lingüístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo".

A opção pelos dicionários de Bluteau e Moraes para o cotejo dos itens lexicais justifica-se por serem eles os "primeiros dicionários em língua portuguesa dignos do nome", segundo Biderman (2001a, p. 17). Ademais, a escolha do Aurélio como fonte contemporânea de análise, deve-se ao fato de ele ser considerado a referência lexicográfica-padrão da sociedade brasileira.

O processo de categorização da realidade nas narrativas

As narrativas orais publicadas por Paula (2007) compõem um interessante material de estudo, uma vez que permitem visualizar, dentre vários outros aspectos, a maneira como os elementos da fauna e da flora são reconhecidos e descritos pelos enunciadores e, em uma perspectiva mais ampla, pelo senso comum, pela sua utilidade, no caso das plantas medicinais, e, principalmente, através da comparação com outros elementos de natureza semelhante, os quais eles julgam ser mais bem conhecidos por seus interlocutores.

As entrevistas foram realizadas com sujeitos que possuíam mais de sessenta anos, naturais de Catalão-GO ou que se mudaram para aí ainda jovens, vivendo no âmbito rural e com pouco ou nenhum contato com meios de comunicação de massa, além de serem, em sua maioria, analfabetos.

Vale realçar que em tais entrevistas notam-se marcas de um português arcaico, herança do português falado pelos bandeirantes entre os séculos XVII e XVIII, e são sintomáticas do isolamento geográfico dos entrevistados. Neste aspecto, o acervo lexical que as compõem, possivelmente frequente nas décadas de 20 e 40 do século passado, indica a manutenção, atualmente, de vivências mais rústicas, assim como de hábitos e valores conservadores (PAULA, 2006).

Atentando-nos mais às narrativas, percebemos que nelas avultam as crenças, a religiosidade, os instrumentos de trabalho, as formas de lazer, as doenças etc., constitutivos das experiências vividas pelos entrevistados ou por seus familiares, em que pese o cunho

ficcional inerente à prática narrativa. Assim, as memórias de vivências dos narradores remontam, para além de uma expressão subjetiva de fatos que marcaram suas trajetórias de vida, às memórias histórica, política, social e econômica de Goiás no início do século passado, bem como nos dias atuais. Os entrevistados demonstram, ainda, um amplo conhecimento empírico de plantas, animais, formas de plantio, etc.

Desse modo, a categorização linguística dos elementos presentes na realidade que circunda os narradores ocorre na medida em que eles processam o conhecimento acerca de tais elementos. É, pois, um processo mental, de classificação e estruturação da realidade que os rodeia através de um registro mnemônico dos itens lexicais que a representam (BIDERMAN, 2001b, p. 181).

A esse respeito, Biderman (2001b, p. 179) ressalta que são os entes sociais que recriam e conservam determinados vocábulos. Por essa razão, a autora (1981, p. 132) pontua que o léxico é "o patrimônio social da comunidade por excelência", porque é por meio dele que o indivíduo interage com a realidade a sua volta e se apropria dos bens culturais nela disponíveis, generalizando o aspecto individual e subjetivo das suas experiências.

Assim é que o léxico registra, distintamente, os elementos de cada cultura, uma vez que, para Câmara Jr. (2004), a língua é o interpretante da sociedade. Biderman (1981, p. 138) pontua que "o léxico está material e sistematicamente organizado nos dicionários impressos da língua", e é relevante acrescentar também os dicionários eletrônicos, que proporcionam maior praticidade e rapidez ao usuário, geralmente sem prejuízo de informações.

Notas sobre a microestrutura nos dicionários gerais de língua

De acordo com Biderman (2001a, p. 19), "o dicionário de língua registra a norma lexical corrente na sociedade", por isso o lexicógrafo deve selecionar os verbetes que constituirão as entradas na obra com base em um *corpus* de referência amplo, que permita verificar suas frequências de uso em determinada época, já que sua função consiste em organizar sistematicamente o léxico de uma língua, documentando-o e descrevendo-o.

Como mencionamos anteriormente, analisaremos a microestrutura dos dicionários de Bluteau (1712-1728), Moraes (1813) e

Aurélio (2004), definida por Jackson (2002, p. 26) como "the arrangement of the information within the entries"[2]. Geralmente, ela engloba alguns dos elementos a seguir: a ortografia padrão e suas variantes, a pronúncia, incluindo também possíveis variações, a(s) classe(s) gramatical(is), os sentidos, a definição ou explanação de cada um, o contexto de uso, os exemplos, as expressões ou fraseologias e a etimologia.

Nesse sentido, a análise dos verbetes, segundo os aspectos acima enumerados, tem como finalidade verificar quais deles são abarcados nos dicionários em estudo e, por conseguinte, investigar a natureza das informações dispostas no interior dos lemas, apontando, de uma perspectiva geral, os avanços graduais da técnica lexicográfica, ao longo de um período de três séculos, aproximadamente.

Dapena (2002) destaca que a elaboração da definição é a atividade mais difícil para o lexicógrafo e, de outra parte, é também o elemento mais criticado por imprecisões, circularidade e pistas falsas. Nesta direção, o autor revela que as definições sinonímicas e as descritivas têm sido frequentemente condenadas, porquanto as primeiras não permitem a análise e as segundas referem-se mais frequentemente à realidade que a palavra representa do que à própria palavra.

A definição relaciona-se, portanto, com a equivalência entre o lema e a sua explanação, sendo que esta pode constituir-se por apenas uma palavra ou por um conjunto de palavras. Dapena (2002, p. 270) pontua que a metalinguagem de conteúdo, sobretudo a conceitual, é o tipo de definição mais desejável, pois expressa com outras palavras o conteúdo significativo do verbete. Por outro lado, na definição por metalinguagem do signo, temos a expressão das "funciones o valores da palabra como mero signo".

Embora, em alguns casos, a definição metalinguística do signo seja necessária, em outros, ela é dispensável, sendo possível valer-se apenas da metalinguagem de conteúdo, como é preferível. Apesar disso, o autor alvitra que como todo signo possui um significante e um significado, ambos podem ser objeto de definição. Caso a acepção focalize o primeiro aspecto, ela será linguística ou metalinguística e, caso enfatize o segundo, será enciclopédica ou descritiva, pois caracterizará e descreverá não a palavra em si, mas o seu referente extralinguístico. Face a isto, podemos afirmar que a definição ideal deve associar informações metalinguísticas às enciclopédicas e não priorizar apenas uma ou outra.

[2] Tradução nossa: "a organização da informação dentro das entradas".

No que concerne aos princípios básicos da definição postulados por Dapena (2002), podemos elencar a equivalência, a comutabilidade, a identidade categorial, a análise, a transparência e a auto-suficiência. Dentre estes, consideramos de especial relevância a análise, a transparência e a auto-suficiência. Nas palavras de Dapena (2002, p. 275), tais princípios

> se refieren, respectivamente, a que una verdadera definición debe representar un auténtico análisis semântico y, por lo tanto, habrá de estar constituida por toda una frase o sintagma, cada uno de cuyos componentes [...] estarán siempre representados por palabras más comprensibles [...] y en todo caso habrán de constituir a su vez entradas dentro del mismo diccionario.

Tal assertiva demonstra que, de acordo com o princípio de transparência, a definição deve ser constituída por palavras comuns e de significação simples, de forma a tornar o verbete definido mais compreensível ao usuário. De igual maneira, seguindo o princípio de análise, temos um enunciado que expressa o conteúdo do verbete em termos semânticos e não apenas sinonímicos e, conforme a autossuficiência, as palavras usadas na definição do verbete também deverão constituir lemas no dicionário, de modo a evitar as pistas perdidas.

É desejável, ainda, que o lexicógrafo e sua equipe evitem descrições pormenorizadas, sejam elas de caráter metalinguístico ou enciclopédico, que fazem com que o dicionário se assemelhe ora a uma enciclopédia, ora a uma gramática. Desse modo, o signo não se explica tão somente pela realidade à qual ele se refere, nem por sua função sintática ou categoria morfológica apenas.

Merecem atenção, ainda, as definições chamadas hiperonímicas ou, em outras palavras, participativas e aproximativas, pois indicam que um verbete está contido em uma categoria mais ampla e possui, por outro lado, diferenças específicas dos demais constituintes da mesma. Apesar destas distinções entre os tipos de definições, também podemos encontrar definições híbridas, em que um tipo de definição complementa o outro.

Análise das definições em Bluteau, Moraes e Aurélio e nas narrativas orais catalanas: convergências e divergências

Os itens selecionados nas narrativas para o cotejo em Bluteau, Moraes e Aurélio pertencem aos campos lexicais da fauna e da flora e estão dispostos a seguir, sendo quatorze no total: *alcaçuz*, *arara*, *arruda*, *cascavel*, *douradinha*, *ema*, *fedegoso*, *jaó*, *paca*, *paratudo*, *pavão*, *quina*, *rabo de tatu* e *tiborna*.

Mostra-se mister destacar que o "Vocabulario Portuguez & Latino", de Raphael Bluteau (1712-1728), foi publicado em oito volumes, há quase três séculos e serviu de referência a várias obras lexicográficas posteriores, dentre elas a de Moraes, publicada pela primeira vez em 1789, tendo este considerado a si próprio apenas um reformador da obra de Bluteau, conferindo-lhe, por isso, todo o mérito de sua obra. Em virtude disso, a obra de Bluteau representa um marco para a lexicografia moderna.

Passando para a verificação dos verbetes, acima mencionados, em Bluteau, foi possível observar que *jaó*, *paratudo* e *rabo-de-tatu* não foram registrados e os verbetes *douradinha*, *quina* e *tiborna* não apresentaram as acepções empregadas nas narrativas. No primeiro caso, podemos aventar que os referentes já existiam, mas talvez fossem denominados por outras unidades lexicais. Quanto ao segundo caso, é possível que a obra tenha se limitado a registrar as acepções mais frequentes e comuns destes itens, sendo o uso por nós procurado mais conhecido na região goiana e em regiões limítrofes.

É importante salientar que encontramos em Bluteau algumas inovações relativas à microestrutura, como a indicação da pronúncia da palavra, após o lema, com a sua devida acentuação, para marcar a tonicidade, como é o caso de *alcaçuz* e *arara*. Apesar disso, nos demais vocábulos consultados, tal acentuação não foi mencionada. Observamos, ainda, que os itens *alcaçuz* e *ema* tiveram suas etimologias inseridas na definição.

Além disso, vale dizer que a definição, nesta obra, é notadamente enciclopédica, porquanto apresenta informações detalhadas, revelando-se extensa, consequentemente, como é o caso do verbete *arruda*, abordando inclusive algumas superstições acerca do seu uso. Destaca-se, ainda, o verbete *pavão*, cuja definição possui várias informações acessórias, a respeito do que Alexandre Magno afirmou outrora sobre

tal animal, assim como o fato de ele ter sido consagrado pela deusa Juno. Acrescem-se, ainda, considerações sobre o sabor da carne deste animal, assim como na definição de *paca*. Na definição de *cascavel*, em contraste, indica-se o perigo representado pelo animal.

No que tange às plantas medicinais, Bluteau as define em vários aspectos como o tipo (ramo, raiz, árvore), a forma, o sabor, o odor, as folhas e flores (se houver), a altura, o comprimento, a coloração, o uso medicinal e o modo de prepará-las. Por essa razão, as acepções destes verbetes mostram-se longas e transcendem a definição conceitual ou metalinguística de conteúdo, inserindo-se melhor na categoria da definição descritiva, pois se volta mais para o referente extralinguístico do signo do que para ele próprio, o que contribui para que o dicionário alcance grandes proporções em termos de extensão.

Cumpre assinalar que as definições da obra também se aproximam das chamadas definições genéticas, isto é, fornecem informações sobre a finalidade e origem do objeto representado pela palavra, o que acontece com a maioria das plantas medicinais, sobretudo no que diz respeito à sua utilidade.

De modo geral, as acepções iniciam-se pela expressão *he huma especie de*, enquanto outras começam com termos genéricos, como *certa mistura*, ou com categorias amplas, como *planta, ave, animal*, aos quais seguem-se características mais específicas, geralmente acompanhadas da localização geográfica ou procedência do referente. Algumas possuem, ainda, suas denominações no Latim e/ou em outras línguas românicas, como o Inglês e o Francês, uma consequência da formação multilíngue de Bluteau.

Vale ressaltar que a expressão *he huma especie de* também é usada para estabelecer uma correspondência ou analogia entre os referentes do verbete definido e de outro que a ele se assemelha, como é notável em *arara*, definida como uma espécie de papagaio, *ema*, comparada ao avestruz, *paca* ao coelho e ao porco e *fedegoso*, a uma espécie de urtiga morta. É o que chamamos definição participativa ou aproximativa, começando pela palavra de sentido mais geral e seguindo com um vocábulo ou expressão que indique a semelhança do referente do verbete definido com outro.

Nas definições dos animais, o autor preocupou-se em distinguir a sua altura, cor, ruído, dentre outros aspectos físicos (rabo, cabeça, penas, pescoço, costas, bico, ovos etc.), variando conforme a especificidade de

cada um. Exemplificações de uso dos verbetes também constam em suas acepções. Em alguns casos, as definições possuem um caráter subjetivo, como se notam nos verbetes *pavão* e *arara*, pois há neles referência às formosuras de tais animais.

Cabe fazer uma aproximação entre as definições de Bluteau e as dos entrevistados, senhores sexagenários e até nonagenários que, outrora, se constituíram narradores. Isso porque elas possuem em comum o fato de definirem comparativamente, aproximando ou opondo um verbete a outro e, por consequência, os seus respectivos referentes.

Embora não se espere encontrar correspondência entre a definição lexicográfica e a definição espontânea, do senso-comum, já que a primeira se assenta em uma base científica e teórico-metodológica, orientando-se por critérios das teorias lexicais e lexicográficas ou metalexicográficas, consideramos pontual o fato de falantes de classes populares, sem acesso à escolarização e aos bens de comunicação de massa, categorizarem a realidade à sua volta, construindo conhecimento a partir de suas necessidades experienciais, independentemente de qualquer base científica.

Nesse sentido, nossa intenção é demonstrar que o conhecimento empírico, no qual os sujeitos narradores baseiam-se na descrição dos elementos de sua realidade imediata, determina o modo como eles a categorizam, nomeando-a através de propriedades distintivas entre um elemento e outro do mesmo campo lexical. De modo semelhante, a definição de Bluteau também contém elementos que avultam em uma mera observação empírica, mas outros são acrescentados, em consequência de sua ampla erudição.

Assim, conquanto as descrições dos narradores sejam, sem dúvida, isentas de critérios científicos, em muito se aproximam das daquelas disponíveis na obra de Bluteau, sobretudo pelo aspecto da comparação ou analogia entre um referente e outro.

É preciso analisar mais detidamente as descrições nas quais os itens lexicais estão circunscritos, no interior das narrativas, para entendermos melhor a relação que possuem com as definições descritivas ou enciclopédicas de Bluteau.

Quanto às plantas medicinais, os narradores priorizaram, na maioria dos casos, suas funções na cura de algumas doenças ou mal passageiro, ou seja, enfatizaram a sua utilidade prática, sendo que, em alguns casos, a descrição se restringiu a este aspecto. É o caso dos itens

lexicais *alcaçuz* e *arruda*, como elucidam os trechos a seguir: "Arcaçu. É, aicaçu, esse é bão pra probema de rins, dor nas costa, costipação"; "Arruda, ess[e] é pa gripe, né? É, pa gripe, pa problema de gripe é ũa beleza, arruda" (PAULA, 2007, pp. 306, 309).

Informações sobre o modo de preparo, as formas e tipos das plantas (raiz, árvore, folhas, flores), os tamanhos, sabores, a época em que podiam ser encontradas e a localização geográfica, se no mato, no campo ou na horta, também foram inclusas nas descrições. É o que exemplifica o trecho a seguir:

> Fedegoso é ũa aivinha. É, ũa aivinha. De campo, não, de curtura. El[a] é de curtura, e bebe assim ma…iscarda el[e] mar maiga. É bão pa gripe, pa dor de cabeça. Não [as]sim puro, quisé pô açúca põe, mair maiga. Ah! Desse tamãe assim mais ó men'. É, des[se] tamãe, desse tamãe. Nesse tempo num acha quai[se]. Não, quair num acha, seca tudo. Ah, é…é dessas planta de fedegos', essas coisa é março, abril. Mair de chuva que a gen' tem que guardá, ranca e guarda (PAULA, 2007, p. 305).

Merece destaque a analogia com outras plantas por similaridade, em maior escala. O mesmo ocorre nas descrições dos animais, que são comparados com outros que a eles se assemelham. É o caso do trecho: "a arara (...) tem ũas pinta nas asa ũa ũas fôia vermeia, ũa pena vermea, né? (...) Quai' do tipo de jandaia, só qu'ela é grande. É tip[o]… é um tipo dum piriquito mais é só que é grande, né, maió, que o piriquito é menor" (PAULA, 2007, p. 229).

Outros trechos demonstram este traço comparativo das descrições, presente igualmente na obra de Bluteau, na qual o verbete *ema* é definido em comparação a avestruz, entre outros referidos anteriormente. Os exemplos extraídos das narrativas fornecem provas da comparação efetuada nas descrições, como as que seguem:

i) **douradinha** = "A doradinha é um remedim baxim. Dá raiz… Não, é do mato, dá raiz marelinha, igual safrão" (PAULA, 2007, p. 305);
ii) **jaó** = "o inhambu é mair piquen' e o jaó é grande, mais iscuro também" (PAULA, 2007, p. 332);
iii) **tiborna** = "a tiborna (...) parece fôia de pau santo" (PAULA, 2007, p. 304).

De modo semelhante à obra de Bluteau, as narrativas também apontam para o sabor da carne dos animais e para o modo de prepará-los para alimentação, como é o caso do vocábulo *paca*: "É o tatu, o, o viado, a paca, to…tudo é bicho de de do mato p'a cumê. Tem ũa carne gostosa" (PAULA, 2007, p. 492).

Geralmente, nas definições feitas pelos narradores, foi possível notar a indicação da classe ou gênero a que pertence o referente. Vejamos alguns exemplos extraídos das narrativas: "Mais tem a **arara** também, qu'é um **páss[ar]o** mũi bunito"; "el[a] (a **ema**) é uma **ave** bunita"; "**Fedegoso** é ũa **aivinha**. É, ũa aivinha. De campo, não, de curtura" (PAULA, 2007, pp. 229; 361; 305). Nesse caso, *arara, ema* e *fedegoso* são definidos como pertencentes às categorias mais amplas *pássaro*, *ave* e árvore, respectivamente.

De acordo com Murakawa (2004), o médico e botânico português Garcia d'Orta, no século XVI, também denominava as plantas medicinais mediante a observação direta do real, empregando hiperônimos, termos genéricos, para comparar o verbete definido a outro, que julgava ser mais conhecido, indicando também a sua localização geográfica. Neste aspecto, tal modo de definir possui grandes semelhanças com Bluteau e com as descrições dos narradores aqui analisadas.

Os animais também foram descritos conforme a coloração das penas (no caso da arara e do pavão), pelos ou escamas, sua localização geográfica (perto do ribeirão, no mato), seu canto e até mesmo o perigo que oferecem, como é o caso de *cascavel*. Outra similaridade entre as narrativas e a obra de Bluteau é a subjetividade em algumas descrições efetuadas pelos narradores: "Mais tem a arara também, qu'é um páss[ar] o mũi bunito"; "A ema, a siriema que o povo nunca foi muito de matá, (...) el[a] é uma ave bunita, canta bunito a siriema, né" (PAULA, 2007, pp. 229; 361).

Todavia, a definição por comparação, pressupondo que o usuário conheça o outro elemento com o qual o verbete definido é comparado, mostra-se circular, já que se este não for reconhecido pelo consulente, a compreensão do mesmo dependerá da consulta a este outro signo. Desta maneira, o princípio de auto-suficiência da definição é deixado de lado, não recebendo a devida atenção.

Passemos, agora, para a análise de outra obra lexicográfica, o "Diccionario da Língua Portugueza", de Antônio de Moraes Silva, publicado pela segunda vez em 1813 e considerado uma obra prima

para a época. Representa o primeiro dicionário brasileiro moderno, pelas inovações promovidas em termos lexicográficos e gramaticais e pela atenção especial conferida à pronúncia. Moraes (1813) demonstra, ainda, uma postura crítica diante da gramática da época, atentando para as variações e irregularidades da língua.

Segundo Murakawa (2006), a segunda edição da obra de Moraes (1813) contém importantes avanços em relação à obra de Bluteau (1712-1728), graças à distância temporal que separa tais publicações, a saber, praticamente um século. Entretanto, é oportuno lembrar que a obra de Bluteau serviu de referência à de Moraes, na elaboração do seu dicionário. Desta feita, a 2ª edição do dicionário de Moraes (1813), uma das fontes consultadas neste estudo, incorporou mudanças significativas em relação à 1ª. Por conseguinte, Moraes considerou-a como de sua plena autoria, vez que já afirmara ser a 1ª uma reformulação da obra de Bluteau.

Convém destacar, no que tange à definição, seu caráter mais objetivo e menos enciclopédico em relação à obra de Bluteau (1712-1728), resultando em definições menos extensas. Por essa razão, conquanto tenha se baseado em um *corpus* de referência mais amplo que Bluteau, sua obra foi publicada em apenas dois volumes, contrastando-se com a deste autor, que consta de oito volumes.

Cotejando os verbetes mencionados anteriormente em tal obra, observamos que não foram registrados os itens *jaó*, *paratudo* e *rabo-de-tatu* e somente o verbete *tiborna* apresentou acepção diversa da que foi empregada nas narrativas. É digno de nota, ainda, o vocábulo *quina*, que não traz em sua definição a acepção por nós procurada, mas faz remissão ao termo *quinaquina*, no qual a encontramos.

Cremos que a ausência dos verbetes *jaó*, *paratudo* e *rabo-de-tatu* nesta obra deve-se ao fato de o autor ter se baseado na obra de Bluteau, que também não os registra ou, como já afirmamos anteriormente, por seus referentes serem mais comumente expressos por outros signos linguísticos. É o que acontece com o vocábulo *quina*, que não possui a acepção procurada, mas faz remissão a outro que a abarca. No que se refere ao item *tiborna*, acreditamos igualmente que Moraes, tomando como referência Bluteau, tenha registrado a mesma acepção que este, devido à outra acepção possivelmente não ser comum nesta época ou, ainda, por ser expressa através de outro item lexical.

Assim, Moraes registra, logo após o lema, a categoria gramatical da palavra, um avanço significativo na lexicografia, visto

que se aproxima de uma definição com teor mais linguístico, abordando o signo propriamente dito. Apesar disso, a definição possui ênfase nas informações sobre o seu conteúdo, o que caracteriza a definição de Moraes como uma metalinguagem de conteúdo. Em alguns casos, informam-se também o étimo da palavra e/ou a sua forma latina.

Podemos observar, ainda, algumas informações enciclopédicas, no que também se assemelha a Bluteau, visto que caracteriza, com pormenores, alguns animais e plantas, embora suas definições não sejam tão extensas quanto as de Bluteau, como demonstra o exemplo a seguir: "EMA, s. f. Ave grande, alta, e corpulenta, de cor cinzenta, com as pennas ultimas grandes das azas negras; Grou; põe um grande ovo, e dizem que digere até o ferro, que come. (*Grus*)" (MORAES, 1813, p. 653).

A subjetividade também pode ser percebida em algumas acepções, como exemplificamos na sequência: "PAVÃO, s. m. Ave conhecida de cores lindíssimas, e cabo mui longo, e largo com pennas oculares" (MORAES, 1813, p. 413). Outros aspectos recorrentes nas definições são as colorações, tamanhos, ruídos, odores, sabores, conforme as peculiaridades dos animais ou plantas.

De modo geral, as definições começam com palavras genéricas indicando categorias amplas, como planta, ave, erva e animal, seguidas por características mais específicas, como tipos e formas das plantas (raiz, folha etc.) ou aspectos físicos dos animais (penas, bico, altura, pernas), além da sua localização geográfica, procedência e utilidade medicinal, esta no caso das plantas.

Repare-se que Moraes, como Bluteau e os narradores, utiliza a comparação para distinguir as características do referente, definindo o verbete por sua similaridade ou diferença em relação a outro. É o que ocorre com o item lexical *paca*, definido por analogia ao porco: "PACA, s. f. Animal Brasilico, de caça, especie de porco" (MORAES, 1813, p. 379).

É importante assinalar que o autor também insere no campo das definições algumas expressões, adágios e ditos populares, outra melhoria significativa na técnica lexicográfica, tais como: i) **cascavel** – *Trazer cascavel*; ii) **pavão** – *Todos tem seu pé de pavão*. Em contraposição, Moraes ainda inclui nas entradas remissões que comprometem até certo ponto a autossuficiência da definição.

Merece registro o fato de as definições deste dicionarista possuírem notadamente um viés descritivo, embora sejam mais concisas que as de Bluteau. Portanto, minúcias acerca do lema, ou

seja, informações supérfluas e enciclopédicas, ainda são incluídas nas definições.

Em suma, a obra de Moraes destacou-se pela atenção dedicada à pronúncia das palavras, principalmente naquelas que preservaram a grafia etimológica, mas também nas que possuem variações fonéticas, demonstrando um conhecimento amplo e também uma postura crítica diante dos fatos da língua.

Acresce-se, ainda, o fato de o autor (MORAES, 1813) ter ampliado as significações dos verbetes e ter preconizado a inter-relação entre léxico e gramática, compreendendo esta como contraparte daquele, daí a necessidade de entendê-los em conjunto ou como faces da mesma moeda. Assim é que Jackson (2002, p. 22) postula que "Grammar and dictionary are complementary parts of the description of a language"[3], haja vista que aquela registra os elementos da língua e suas normas de funcionamento e este focaliza principalmente os valores semânticos dos mesmos.

Vem aqui, a propósito, uma interessante afirmação de Biderman (1998, p. 132), qual seja: "Um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público" e registra a norma vigente na sociedade para a qual se destina, por isso, não podemos esperar encontrar os mesmos critérios definicionais em Bluteau, Moraes e Aurélio, os quais são influenciados por teorias e ideologias preponderantes em suas respectivas épocas.

Se Moraes representou um avanço em relação a Bluteau, sem, é claro, desmerecê-lo, esperamos que, de igual maneira, o dicionário Aurélio introduza mais inovações na lexicografia moderna. Contudo, temos ciência de que esta obra pode estar defasada, porque nada se altera tão rápido como o léxico de uma língua, fazendo com que as suas obras de referência, ao serem publicadas, já estejam incompletas.

Nesse sentido, Biderman (2006) revela que o dicionário tem como meta registrar o léxico de uma língua, o que é inatingível em sua totalidade, uma vez que o léxico sofre oscilações frequentes, ora ampliando-se, ora restringindo-se.

Ao escolher um dicionário atual para o cotejo dos itens referidos, a opção pelo "Novo Dicionário Eletrônico Aurélio" se deu em face de ser este amplamente consultado pelos mais diversos setores

[3] "Gramática e dicionário são partes complementares da descrição de uma língua", tradução nossa.

sociais, possuindo notável difusão em nosso país e em Portugal. Nas palavras de Biderman (2002, p. 79), "O Aurélio vem sendo um campeão inconteste como o dicionário padrão da sociedade brasileira", dada a sua popularidade, o seu caráter atual e a sua praticidade, estando disponível impresso em um único volume, assim como em formatos menores e em CD-Rom.

Cumpre dizer que todos os verbetes foram registrados no Aurélio com a acepção empregada nas narrativas e, no caso específico do verbete *paratudo*, não encontramos definições, mas duas notas remissivas e só então chegamos à acepção buscada, ferindo os princípios da análise e da transparência. Nota-se também um número significativamente maior de acepções neste em relação aos demais dicionários analisados, em função dos recursos da informática e dos avanços científico e tecnológico presenciados atualmente.

Após o lema ou entrada, o processo de formação de algumas palavras foi registrado, como é o caso de *alcaçuz* e *douradinha* e, por vezes, a sua etimologia, como no verbete *arara*, originário do tupi, segundo o Aurélio. Em seguida, informaram-se a classe gramatical do verbete e suas acepções.

No interior das acepções, consta a rubrica, quando há, seguindo-se a ela as acepções, que geralmente se iniciam com uma expressão genérica ou com categorias amplas, somando-se a estas informações específicas sobre o verbete, tais como: forma, sabor, uso medicinal, odor, procedência, frutos, flores, tamanho, cor etc. Sirvam de exemplo as definições a seguir:

> **alcaçuz** – "[Do ár. al-Xarq sEs, 'a raiz do alcaçuz', com metonímia.] Substantivo masculino. Bot. 1.Arbusto da família das leguminosas *(Glycyrrhiza glabra)* cuja raiz, doce, é medicinal. 2.Subarbusto de cerrado, da família das leguminosas *(Periandra mediterranea)*, cuja raiz, adocicada, o povo considera medicinal".
>
> **douradinha** – "[Subst. do dim. de *dourada*.] Substantivo feminino. 1.Espécie de jogo de cartas. 2.A dama de ouros, nesse jogo. 3.Bot. Variedade de pêra. 4.Bras. N. a S. Bot. Designação comum a várias espécies de plantas da família das polipodiáceas, dotadas de rizoma ereto, frondes oblongas com pontas estreitas, pinas horizontais, lanceoladas, arredondadas ou agudas no ápice, e cujos soros são em forma de meia-lua, arredondados ou oblongos, numerosos, enchendo quase toda a página inferior; douradão, samambaia-douradinha. 5.Bras. PE Gír. Moeda de ouro. [Var.: *doiradinha*.]".

Os verbetes, no Aurélio, contam, ainda, com informações enciclopédicas, aproximando-se da definição descritiva, com detalhes sobre aspectos físicos dos animais, os locais onde vivem, os pesos. Na maioria das vezes, elas revelam-se dispensáveis para a compreensão do verbete, como demonstra o trecho que segue:

> **paca** [Do tupi.] Substantivo feminino. 1.Bras. Zool. Mamífero roedor, cuniculídeo, distribuído por quase toda a região cisandina e México (*Cuniculus paca*) e nas florestas andinas (*Cuniculus taczanowsky*), de dorso escuro e lustroso, lados do corpo com três a cinco listras longitudinais irregulares, brancas, ventre branco e cauda reduzida a um tubérculo nu. Vive sempre perto da água, onde busca refúgio quando perseguido. Adulto, pesa 10kg; é apreciado para a caça esportiva [Masc.: *pacuçu*.].

Assim, conforme atenta Dapena (2002), a definição ideal é a metalinguística de conteúdo, em particular a conceitual, que define o conteúdo do signo, sem dar detalhes sobre o seu referente. No caso ilustrado acima, há uma nítida semelhança com as definições presentes nos dicionários de Moraes, Bluteau e também nas narrativas, pois abordam-se a procedência, regiões onde o animal pode ser encontrado, i. e., informações descritivas desnecessárias à compreensão do sentido expresso pelo verbete.

Claro está que até mesmo o modo como tem início a definição de alguns verbetes, como **arara** - *Designação comum às aves*, mostra-se um pouco redundante e dispensável, porque é possível introduzir a mesma de forma mais objetiva (ave), demandando um espaço menor. Em contraposição, a definição do verbete *pavão* mostra-se mais objetiva, iniciando-se da seguinte forma: "Grande ave galinácea".

Em algumas definições, principalmente relativas às plantas, encontramos também observações de cunho terminológico, como os nomes das famílias a que pertencem. Ainda que a rubrica preceda a acepção, tais informações provocam relativo distanciamento entre o dicionário e o grande público ao qual se destina, já que este não consegue compreendê-la em sua totalidade. Observações desta natureza são usualmente buscadas em outras obras de referência, como os dicionários ou glossários terminológicos e por outro tipo de público, ou seja, os especialistas em determinada área do conhecimento.

Para elucidar tal assertiva, selecionamos a definição do verbete *arruda*, no Aurélio, que corrobora a faceta obscura de algumas definições

trazidas pela obra: "**arruda -** Substantivo feminino. 1. Bot. Designação comum a várias espécies da família das rutáceas, nativas da Europa meridional, aromáticas e medicinais, das quais a mais comum é a *Ruta graveolens*".

Neste ponto de vista, o usuário comum, de modo geral, não conhece os termos específicos de uma determinada área do saber, sendo necessária uma adaptação da linguagem técnica para uma mais popular, pois se trata de um dicionário geral de usos.

Outro problema da obra consiste na incidência das remissivas, que contribuem para a circularidade da definição e ferem os princípios da transparência, auto-suficiência e análise, pois demandam mais tempo por parte do consulente, falhando no quesito praticidade. O verbete *paratudo* é o melhor exemplo disso, uma vez que não possui uma definição propriamente dita, mas somente duas remissivas.

Ademais, o Aurélio não se fundamenta em um *corpus* informatizado de referência para a seleção da macroestrutura, o que é um problema porque esta não deve ser feita aleatoriamente, sem observar os critérios da lexicografia moderna. Para Biderman (2004), o *corpus* de referência permite conhecer a frequência da ocorrência das palavras, a saber, se ela é usada em mais de um tipo de texto, a fim de elucidar se ela faz parte realmente do léxico da língua.

Apesar dos equívocos da obra, apontados acima, algumas inovações valiosas garantem o seu uso intenso pelo grande público como uma obra de referência e digna de mérito, haja vista que possui, em sua microestrutura, expressões, fraseologias, exemplos, termos técnicos e científicos, variantes (**jaó** – juó) e sinônimos (**jaó** – macucau, macucauá), dentre outros aspectos, o que corrobora a sua inovação e avanço em relação aos dicionários tradicionais da língua.

Considerações Finais

Segundo Krieger (2004, p. 11),

> a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura.

Nesta perspectiva, o léxico é o instrumento capaz de denominar o mundo em que se vive e, por conseguinte, permite ao homem se apropriar do seu meio, interagindo com ele, na medida em que constrói um conhecimento sobre ele. Esta categorização do real, inscrita no léxico, carrega em si, de outra parte, marcas culturais e de uma vivência social, que podem ser acessadas por meio dele.

Por esse prisma, chamou-nos a atenção os processos de descrição e de definição de elementos do real nas obras lexicográficas de Bluteau, Moraes e Aurélio e nas narrativas, que se imbricam na medida em que se baseiam no traço comparativo entre o item que está sendo definido e outro que se pressupõe ser mais conhecido. Sobre o uso deste processo nas narrativas, Paula (2007, p. 155) salienta que nelas a descrição "torna-se uma prática lingüística de comparação em que traços diferentes e semelhantes são esmiuçados para evidenciar o saber que praticamente os sustentou [os narradores] na luta pela sobrevivência".

Acerca dos princípios elementares da definição, a saber, a análise, a transparência e a autossuficiência, cumpre dizer que Bluteau e Moraes não os ferem em suas definições, contudo, em Aurélio, encontramos algumas definições que deixam a desejar em termos de análise e transparência, pela incidência das remissivas. Ademais, esta obra ainda não atendeu integralmente ao critério de transparência, pois algumas definições se utilizam de uma linguagem mais especializada, de difícil decodificação às pessoas comuns, como ficou evidente nas acepções de algumas plantas.

Quanto aos tipos de definição, nota-se que Bluteau prioriza, sobretudo, a enciclopédica ou descritiva, atendo-se a detalhes e informações por vezes dispensáveis à compreensão do verbete, o que torna sua definição muito extensa, em alguns casos. Além disso, ele se vale do método comparativo, focalizando a metalinguagem de conteúdo, em detrimento da metalinguagem de signo.

Moraes demonstra maior objetividade, priorizando a metalinguagem de conteúdo, em maior escala, e valendo-se da descritiva ou enciclopédica, em menor grau. No Aurélio, pode-se observar, com frequência, o emprego de definições mistas, primeiramente usando a metalinguagem de signo, que parece redundante na maioria dos casos analisados e, em seguida, a metalinguagem de conteúdo, sendo que raras vezes a definição foi descritiva.

Murakawa (1998, p. 154) observa que o caráter enciclopédico de Bluteau, em suas definições, é fruto do espírito humanista de sua época, conquanto ainda hoje seja referência monumental do fazer lexicográfico. Ademais, Dapena (2002) ressalta que as definições enciclopédicas são mais comuns quando as palavras referem-se à fauna e à flora e, frequentemente, refletem a intenção dos lexicógrafos de fornecer ao usuário mais do que informações meramente linguísticas.

Vale dizer que a ampliação de sentidos foi mais significativa no Aurélio, como era de se esperar, por ser uma obra mais atual, que contou com significativos avanços na área da informática, mas já ocorria em Moraes, em menor extensão, em relação à obra de Bluteau. Moraes também deu um tratamento mais conciso às definições, incorporando alguns sentidos inexistentes em Bluteau.

Biderman (2004) elucida, ainda, que muitas falhas encontradas nos dicionários devem-se à falta de cooperação dos lexicógrafos e sua equipe com estudiosos e especialistas em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. No que se refere ao Aurélio, o problema é ainda mais grave, em vista dos avanços tecnológicos e científicos existentes, aos quais, por vezes, ele se mostra indiferente, uma vez que não possui um *corpus* informatizado de referência e o processo de formação de palavras, bem como a sua classificação de brasileirismos ou regionalismos devem ser vistos com certa reserva.

Outro agravante, talvez o principal deles, segundo Biderman (2006), consiste no fato de as editoras não estarem interessadas em investir em um estudo mais aprofundado do léxico para produzir uma obra que leve em conta os critérios científicos da lexicografia mais contemporânea, dando mostras de que pesquisas neste sentido carecem de mais incentivos.

Referências

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 33-64.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). *Estudos de Filologia e Lingüística.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. p. 130-145.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 131-144.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001a. p. 13-22.

_____. A categorização léxica. In: _____. *Teoria Lingüística:* (teoria lexical e lingüística computacional). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b. p. 179-185.

_____. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro.* São Paulo: Humanitas FFLCH/ USP, 2002. p. 65-82.

_____. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. e KRIEGER, Maria da Graça. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. vol. 2. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. p. 185-200.

_____. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. In: *Ciência e Cultura,* São Paulo, v. 58, n. 2, p. 35-37, 2006. Disponível em: <www.cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 10 nov. 2008.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez & Latino.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. Língua e Cultura. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. (Org.). *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 287-293.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio.* 3. ed. Positivo, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In:_____.; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 91-108.

JACKSON, H. The dictionary. In:_____. *Lexicography:* an introduction. London and New York: Routledge, 2002. p. 21-30.

KRIEGER, Maria G. Apresentação. In:_____.; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. vol. 2. Campo Grande, MS: UFMS, 2004.

LEHMANN, A. M. Les représentations idéologiques dans le discours du dictionnaire. In: IBRAHIM, A. H.; ZALESSKY, M. (Coord.). *Lexiques*. Paris: Hachette, 2001. p. 106-112.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 153-159.

_____. Definições lexicográficas de plantas em obra portuguesa do século XVI. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Orgs.). *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. vol. 2. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. p. 167-174.

_____. Léxico e gramática no Diccionario da Lingua Portugueza (1813) de António de Moraes Silva. *ALFA,* São Paulo, v. 50, n. 2, p. 55-67, 2006.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de In: _____.; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 109-115.

PAULA, Maria Helena de. Notas lexicais sobre *plantação* e *plantas* medicinais em narrativas orais catalanas. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos *et al*. (Orgs.) *Lingüística***:** caminhos e descaminhos em perspectiva. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 148-156.

_____. *Rastros de velhos falares:* léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

PORTO DAPENA, J.-A. La definición lexicográfica. In _____. *Manual de Técnica Lexicográfica.* Madrid: Arco Libros, 2002. p. 266-297.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza.* 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

Recebido em 10 de novembro de 2009.
Aceito em 15 de fevereiro de 2010.